

UM LONGE PERTO: Os segredos do sertão da terra

Jerusa Pires Ferreira

*Sertão é isto, o senhor sabe:
tudo incerto, tudo certo.*
Guimarães Rosa¹

Difícil é definir e precisar significações pois o próprio conceito de significado é um dos termos mais controvertidos e ambíguos da teoria da linguagem (Ulmann, 1965, p. 63).

Estabelecer etimologias é uma armadilha em que se pode cair com fascinação e a etimologia da palavra sertão parece se perder na nebulosa que esgarça e dissolve a configuração de possíveis limites físicos e conceituais, permanecendo tão indefinida a significação quanto ilimitado o conceito.²

Em “Vida e História da Palavra Sertão” (Barroso, 1962, p. 9-17) tenta Gustavo Barroso definir uma possível etimologia, a partir de remissões esparsas e sugestões colhidas em alguns dicionários, como em opiniões correntes. Começa por afirmar, aliás com razão, que “nenhuma palavra é mais ligada à história do Brasil e sobretudo à do Nordeste do que esta palavra SERTÃO”. Passa, em seguida, para a formulação de hipóteses que estaremos tentando rever. Diz este autor que a maioria dos dicionaristas definiu o vocábulo como significando floresta ou mato longe da costa, embora alguns achem ao mesmo tempo que é lugar inculto ou deserto, e conclui dizendo que “parece que o segredo da origem de Sertão está no Dicionário da Língua Bunda de Angola” (Barroso, 1962, p. 11) de onde se retira que o vocábulo africano mulcetão teria vindo a transformar-se em Sertão.

Foi sob a sugestão e impacto deste artigo que se pensou na necessidade de rever o assunto.³

Em percurso parcial, porém o tanto quanto possível sintético, para rever a matéria, parti da associação constante a deserto (latim *desertanu*), o que vale dizer desertão. Afirma Câmara Cascudo que ainda se discute a origem desta palavra e alude ao aparecimento da forma contrata *desertão*, apontando para a continuação do debate sobre a procedência (Cascudo, 1962, p. 697-98).

Encontrando uma comunicação de Joseph Piel a este respeito (Piel, 1961, p.321), vemos que ele, ao discutir exatamente os aspectos mais estritamente etimológicos da questão, comenta as dificuldades fonéticas que envolvem o percurso do vocábulo *sertão* desde etimologias propostas. Diz-nos que o *Dicionário Etimológico* de Meyer Lubke averba a palavra sob o lema *desertanus* e que Corominas o repudia. Propõe então o autor que se remeta *Sertão* a *Sertanus*, derivado de *sertum*, participio passado de *sero*, *serui*, *sere*, que significa entrelaçar, entrançar. Remete ao substantivo *sertum* (plural *serta*) que significa grinaldas, coroas, tranças. O significado primordial seria para Piel, *o que está entrelaçado*, alusão a uma vegetação contínua e esta forma admitiria a contaminação semântica com *sertus*, inserido, metido dentro.

Elastece as considerações dizendo que ocorre a par de *sertão*, *sartão*, *sartam*, *sartão*, a expressão *mato*, que aproxima, dizendo não ser fácil determinar onde está o limite semântico dos dois vocábulos.

Ao tomar a questão, ter-se-ia de começar pela refutação lógica da tão apontada origem *desertanu*, baseando-a por duas ordens de argumentos:

a) Ao nível fonético. Na operação que teria levado *desertanu* a *Sertão*, pode-se observar um caminho às avessas do ponto de vista da emissão fonética, da adaptação articulatória. O mais natural seria o ensurdecimento e não a sonorização da oclusiva, baseado na “lei” do menor esforço.

b) Ao nível semântico. Parece improvável o percurso *desertanu sertão*, desde que, interpretado o material que se recolheu em escritores portugueses dos séculos XV e XVI, não é esta acepção que comparece regularmente. Em textos de épocas bastante recuadas no tempo, o que se encontra é uma gama diversa de acepções, que na maioria das vezes leva a pensar em direção oposta. É freqüente encontrarem-se passos, em que *sertão* quer dizer lugares povoados cheios de vegetação e de árvores densas, apesar de ocasionais e também freqüentes remissões à aridez como adiante se observará. Portanto afastada a hipótese *desertanu* aproveita-se para discutir a hipóte-

se apresentada por Piel (1961, p.325): Sertum trançado vegetação contínua... que a partir do levantamento feito não parece admissível.

Qualquer comentário sobre oscilação de grafias para remeter a esta ou aquela provável etimologia se transformará em detalhe inconcludente, pois sabe-se de incrível oscilação alternativa de grafias para o mesmo vocábulo, em tempos passados ou ao longo do desenvolvimento da língua escrita. Registram-se assim inúmeras variantes gráficas dentro do mesmo livro, capítulo e até da mesma página. Como então as formas sertão, çertão ou certão nos poderiam conduzir a esclarecimentos etimológicos?

Uma nota cronológica

Afirma Joseph Piel⁴ que o termo não é atestado antes do século XV e alude ao fato de a palavra sertão surgir abruptamente, não aparecendo, por exemplo, em obra como no *Livro de Montaria*. Aponta para o fato de se poder pensar no vocábulo como um termo estrangeiro importado para satisfazer a uma necessidade de nomenclatura condicionada por determinadas necessidades de nominar realidades físicas das terras recém-descobertas mas termina por recorrer a provas irrefutáveis da vernaculidade da palavra: a curiosa ocorrência de várias povoações portuguesas com o topônimo sertão. O autor levanta proposta de termo arraigado no Minho propagando-se para o sul. Assim é que se encontra o topônimo sertão em terras portuguesas no Conselho de Amares; de Arcos de Valdevez, de Celerico de Basto etc.

Ocorre no entanto que valeria à pena observar se estas denominações toponímicas não partem também das experiências do Descobrimento, devendo-se pesquisar de onde e desde quando partem estas denominações.

O fato com o qual não se poderá deixar de contar é o de ter sido esta uma palavra de vida obscura até os Descobrimentos⁴⁵ transformando-se em *Signo Linguístico* da Expansão Portuguesa, segundo Piel, e, depois, expressão abrangente e multímoda de uma “realidade” brasileira.

Dos vários sentidos do sentido de sertão

“Ali Tambem Timor, que o lenho
manda Sândalo salutífero e cheiroso;
Olha a sunda, tão larga, que hua
banda Esconde para o sul difficultoso.

A gente do sertão que as terras anda
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle so sem outro vae
Converte em pedra o pao que nelle cae.”⁶

Numa busca através de um elenco de escritores portugueses dos séculos XV e XVI, a partir dos quais se estabeleceria um pequeno corpus para aferição, convém explicar que os sentidos que se pretendem para sertão são muitos, mantendo-se a premissa básica de que não se trata de um brasileiro. Câmara Cascudo (1962, p. 698) diz que as tentativas para caracterizá-lo tem sido mais convencionais do que reais e que sua fauna e flora existem noutras paragens do mundo que em nada se assemelham ao SERTÃO. Evidentemente que ele refere tendo como eixo base Sertão ou Os Sertões brasileiros mas há outros e sempre houve a necessidade de designá-los: da Índia, Arábia, Etiópia, realidades a serem expressadas por este vocábulo. Discorda-se deste autor no ponto em que ele admite ter havido uma fórmula portuguesa no século XVI. Então como agora não seria possível pensar num sentido único ou de uma fórmula norteadora. Constata-se sempre uma relativa faixa de variabilidade de tempo e espaço que levam a um deslocar contínuo de situações e acepções.

Crê-se que o próprio IBGE não teria encontrado uma definição para o alcance daquilo que venha a ser Sertão. Curioso é acompanhar em *Tristes Trópicos* o depoimento de Levy-Strauss (1972, p. 205): “É verdade que também traduzo sertão por selva: o termo mato tem uma conotação muito diferente. Mato refere-se a um caráter objetivo da paisagem: a selva, no seu contraste com a floresta; enquanto que sertão *refere-se a um aspecto subjetivo*”. Sertão designa, portanto, a selva mas por oposição a terras habitadas e cultivadas.

E abre com este outro comentário uma nova possibilidade: “São as regiões onde o homem não possui instalações duradouras e diz que a gíria colonial talvez forneça um equivalente exato com Bled”.

Como curiosidade, vale a pena dizer que, em obra que trata de cultura dos Estado Unidos da América do Norte, encontra-se (em edição vertida para o português) a seguinte referência: “Para podermos acompanhar a história literária colonial, portanto, devemos verificar quais os principais interesses da Europa no século XVII e depois de examinar de que modo esses interesses foram refletidos nos SERTÕES da América do Norte” (Taylor, s/d, p.13). Mas é o próprio Levy-Strauss quem nos vai colocar o indefinido nos pólos de suas definições: Foi preciso perder as ilusões: à

imagem e semelhança do Nordeste, onde se encontram as terras malditas do Brasil, pintadas por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, a Serra do Norte ia revelar-se uma savana semi-desértica e uma das zonas mais ingratas do continente. (Levy-Strauss, 1972, p. 317)

Ao acompanhar a amostra que segue, difícil vai ser estabelecer uma direção conceitual, uma linha única, pois o que se verifica é, muito pelo contrário, uma graduação de significações que se situam formando verdadeiros blocos opostos, pares opositivos⁷, como uma constante que vai unir dois pólos.

De um lado, Sertão estaria ligado ao conceito de fertilidade da terra, de abundância vegetal, de mata, e por outro lado, encontra-se o sentido de aridez de despovoamento que remeteria à acepção de deserto.

Observe-se que, no elenco escolhido verifica-se ocorrer entre estes opostos uma espécie de gradação ou meio termo que pode conduzir da noção de *muito* (abundância) através de *algum* até atingir-se *nenhum* (falta).

Iniciando um percurso pelo corpus, detectamos a presença de verdadeiros “contra-desertos”, quando se observa o excesso de vegetação e conseqüentemente a presença de vida que se opõe ao vazio comportado por uma concepção de deserto.

1. De Floresta a Deserto

1.1. E assim Sertão se traduz pelo viço.⁸

“Mas no interior do sertão he mais *plana e fértil e viçosa* de muytos campos regados de rios dagua doce...” (v. PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*. vol. III, p.160)

“e a terra, que vai deste monte, pelo sertão, não é alta, toda igual, *cheia de arvoredo muito espesso*.” (v. PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p. 140)

“com *manchas de mato e pelo sertão lombadas de terra preta* com muitos montinhos, ... pela Ribeira entresachados de nódoas pretas de mato, e no acabamento está um monte que da banda do sertão está trabalhando ...” (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portuguezes*, p. 176)

“Passada esta de cindá estam as de Iava maior, e menor, que tem cada huma dellas Reis que habitam no *Sertam das ilhas* e são gentios, assi elles como seus vassallos, excepto os que vivem nos portos do mar que sau mouros saã ambos muito fertiles de mantimentos frutas, caças”. (v. Damião de Gois. *Chronica de D. Manuel*, parte 3, cap. XLI, cit. Apud. DICIONÁRIO port., Chardron)

1.2. Ou por um meio de caminho entre o viço e a aridez.

Quanto à média vegetação, encontramos: “e a parte que fica da quebrada para o sertão tem *algum arvoredó*”. (v. PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p.143)

Em outros textos a escassez de vegetação, no entanto vai se manifestar:

“e pelo *sertão dentro* é terra igual, não muito alta, com árvores ralas e mato razo.” (v. PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p.137)

1.3. Ausência de vegetação e aridez.

Até atingir-se finalmente o sentido de deserto a que se prenderia uma hipotética e discutida etimologia, já agora apontada como contradição.

“d’elle para a terra firme vai em *areal muito raso sem verdura* e terá de comprido um tiro de peça grossa, pelo sertão faz uns picos meudos ...” (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portuguezes*, p. 174)

A conotação de inótipo se faz presente em: “e pelo sertão vae um pedaço de serra alta e espinhosa” (ibidem p. 175) a que se vem contrapor a seguinte passagem, reveladora de fertilidade e abundância: “Além destas sessenta naos havia muitos navios da terra, a que chamam terradas, que servem de carretar mantimentos e a agoa do sertam e das outras ilhas a Ormuz”. (v. Damião de Goes, *Chronica de D. Manuel*, parte 2, apud. DICIONÁRIO port., Chardron)

2. Sertão Inserto ou Exposto

Uma conotação a discutir é aquela que apontam os dicionários, seja a de que sertão se opõe a litoral por princípio e definição,⁹ aquela que remeteria ao apontado “inserto” de Piel. No entanto, o que se termina por observar é exatamente aquilo que se constata quanto aos conceitos de deserto e de povoado. Juntando-se à idéia de despovoado, tem-se a noção de distância mas o que se observam são os dois mesmos pares opositivos, com as podações intermédias. De um lado, a noção de distância, de mistério, de confins a perder de vista. A conotação de inexplicado, misterioso, distante, que se apresenta em formas sucessivas como sertão dentro, dentro pelo sertão; por outro lado se oferece a alternativa em que se registra uma noção de contigüidade e depreensão de superfícies facilmente atingíveis.

2.1. O Sentido de Inexplicado e Distante que depois apareceria como em “Apetece então (Gil) as grandes aventuras e é pirata nos mares, viaja até os *últimos sertões* vê

povos estranhos”¹⁰ ou em recente depoimento se lê: “Isto só poderão compreender aqueles que tiverem metido o nariz no coração de um *pimento exótico*, reverentemente esvrentado depois de ter respirado, em algum botequim do sertão brasileiro a torcida melosa e negra do fumo de rolo...” (Levy-Strauss, 1972, p. 95) comparece nos textos e roteiros de épocas mais remotas e pelo século XVIII, se documenta, por exemplo, em Bocage:

“Até que aos mares da longinqua China / ... por *barbaros sertões* gemi vagante. *No torrado sertão da Líbia fera / as serpes os leões de chorar-te*”. (Bocage, 1974, p.85 e 130)

2.2. Sertão, o dentro inexplicado:¹¹

“que pelo sertão *confina co reyno dos Lanhós*, o desbaratou e ficou senhor do campo ...” (v. PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*, vol.III, p.98.)

“Com que cortão por este sertão *espaço de mais de quinhentas legoas*” (v. idem, p.100).

“e reynos que pelo *amago* deste sertão habitão ...” (idem, p. 100).

“mas pelo *sertão dentro* é muito largo...” (v. PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p. 136).

“para o sueste, jaz um rio que vem de *dentro do sertão* que é como um ...” (v. VELHO, Alvaro. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p. 6).

Mantendo-se o sentido de distante e inacessível, é que vamos seguir encontrando: “*muito dentro pelo sertão*, e que não podiam lá ir senão em camelos”. (v. VELHO, Alvaro. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p.18).

“assi que vos conto, que estando esta noite *com a viola na mão*,¹² bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro”(v. Camões, Filodemo, p.317).

“Finalmente chegou o negocio a tanto, que Sargol fugio para dentro do sertão da terra da Arabia”. (v. Barros, Decada 2, livro Cr, cap.II Apud. DICIONÁRIO port., Chardron).

2.3. E então como par opositivo o que se tem é um Sertão visível.

Como par opositivo, dentro do esquema que apontamos temos no entanto um sertão próximo, em contiguidade com a cidade.¹³

“A cidade pela maior parte é cercada d’agua, onde tinha assaz segurança, e *aquelle pequeno espaço que ficava da parte do sertão non lhe compria melhor guarda*”. (v. ZURARA, Gomes Eanes de. *Prosas Históricas*, p.29).

“E as casas são altas, e mui bem caiadas e tem ao longo dela, da banda *do sertão que está pegado com as casas ...* (v. Alvaro Velho. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p. 38).

Este sentido foi o que se conseguiu detectar, em permanência, na seguinte passagem de *Os Sertões*: “Salta-se do trem; transpõe-se poucas centenas de metros, entre casas deprimidas; e topa-se logo à fimbria da praça - o sertão. (Cunha, 1967, p. 461)

3. Sertão um longe perto

Em relação à distância, observa-se, portanto, a mesma dicotomia gradativa que se tem ao lidar com o conceito de deserto. Se por um lado, há o sentido de interior, de distanciamento da costa de profundidade ao alcance existe a contrapor-se o sentido de um sertão litorâneo, visível exterior, fácil de atingir.

3.1. Costuma-se afirmar que uma coisa certa é a oposição de Sertão a Litoral, o que já não se poderá dizer depois de observar o levantamento empreendido. Além disto, observou-se uma contiguidade significativa do conceito de Sertão a acidentes geográficos relacionados com os mareantes, a exemplo de rios, serras, serranias, montinhos, como se verá adiante.

Constatou-se no corpus o *sentido de interior*, coração da terra: “Aqui chamam de Rio Grande, o que na bôca é estreito, mas pelo sertão dentro é muito largo”. (v. PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p.136).

“estão pelo *Sertão dentro* e são mui cortados a prumo ...” (v. *Roteiros Portuguêses*, G.Pereira, p.65).

“que pelo *amago* deste sertão habitão ...” (v. PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação*, p.100).

“jaz um rio que *vem de dentro do sertão*” (v. VELHO, Alvaro. *Roteiros da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p.6).

“e fomos muito *dentro do sertão*”. (idem, p.52).

“e pelo *sertão dentro* é mais alta”. (PEREIRA, G. *Roteiros Portuguêses*, p. 142).

“está na terra firme pelo *sertão dentro*” (idem, p.130).

“Mas pelo *sertão dentro* é muito largo” (PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar*, p. 168).

3.2. Sertão - A Travessia

Até que no levantamento se pode estabelecer uma espécie de percurso gradativo, da costa para o interior, que leva ao sentido de *Travessia* e que se constrói num exemplo como este, e como vários outros, com a instância de verbos de movimento.

O sentido de oposição ao litoral se verifica em:

“e as que *vão* para o sertão cada vez mais altas”. (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portugêzes*, p. 56).

“mas *tomarão* o sertão a 10 léguas da praia ...” (v. idem, cap.XIV, p.80).

“e com este engano *se foram* ao rey que mora na ilha mais de 12 léguas pelo Sertão ...” (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portugêzes*, p.82).

E o sentido de continuação do litoral para o interior se manifesta ainda mais explicitamente em:

“e *pelo sertão vão lombadas de serras*”. (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portugêzes*, p. 170).

Até que se encontra, no século XVIII, o climax deste percurso itinerante nos versos de Bocage: (1974, p.52)

“exposta a vida ...

Gira sertões o sofrego mineiro”.

3.3. Curioso por isso é observar-se nesta gradação de distanciamento do litoral também um “contra-aspecto”: o sertão próximo, visível que não se opõe a litoral, muito pelo contrário, que está como a indicar uma certa contigüidade e sobretudo *visibilidade* quando é descrito e contemplado pelos roteiristas desde as naus.

Assim é que, não deverá estar longe do litoral, mesmo que semanticamente oposto a ele; lugar para onde se leva quando assim se refere:

“Esta gente traz umas cabaças grandes em que *levam do mar para o sertão a agua salgada*” (v. VELHO, Alvaro. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*, p.18).

“E a sua conhecença é *uma serra que está lançada no sertão como mēsa grande...*” (v. PEREIRA, G. *Roteiros Portugêzes*, p. 130).

“Esta mutuapa é uma ponta delgada e por *cima no sertão vai uma lombada de terra alta ...*” (idem, p.134).

“a terra é por esta altura *baixa al longo do mar e pelo sertão dentro é mais alta ...*” (idem, p. 142).

“da banda do norte e da do sul, pelo *sertão dentro*, vae uma lombada de terra que sobre a ilha...” (v. idem, p. 134) e assim se chega a uma idéia máxima de proximidade do litoral: “e faz uma entrada para O SERTÃO QUE FICA SENDO ENSEADA...”.

3.4. Vale ainda acompanhar a grande ocorrência de contigüidade descritiva e referencial a sertão e *rio, serra, serrania, picos, monte, ilha como extensão de terra, ilheo, mato* etc., ou seja, o alargamento do seu engaste significativo.¹⁴

“As serras do sertão são altas e espinhosas” (PEREIRA, G. *Roteiros Portugêzes*, p. 172).

“o sertão não tem cousas de que se possa fazer menção porque tudo são serranias muito altas ...” (idem, p.173).

“pelo sertão faz uns picos meudos” (idem, p.174).

“e pelo sertão vae um pedaço de serra alta” (idem, p.175).

Conclusão

“SERTÃO é o penal, criminal.
Sertão é onde o homem tem de
ter a dura nuca a mão quadrada.
Mas, onde é bobice a qualquer
resposta é aí que se pergunta.”
(Rosa, G.S.V., p.86)

“Não sei. Mistério é assim:
está aí e ninguém sabe.”
(Raquel de Queiroz, op.cit., p.63)

Relembrando a introdução, diz-se do múltiplo poder de sugestão de uma palavra tão amplamente “conotada” como o *Sertão* (Villaret, 1973, p. 15), e em seguida constata-se que uma palavra não é apenas aquilo que ela representa, e que ela não cobre a representação de todos os fatos que a envolvem entre “as realidades” e a expressão.¹⁵

Em relação ao levantamento empreendido concluiu-se que esta gradação, que pareceu ter sido traçada como curva própria nas palavras significativas levantadas, mostra como será impossível concluir linearmente. Permanece uma indefinição que não permite remeter às origens do vocabulário ou alcançar o extenso de uma significação. O que se poderá fazer será acompanhar os seus campos significativos, suas áreas de significação onde se afirma ou se veja uma categoria de próximo-distante, longe-perto, deserto-povoado, cultivada-despreparada, árida-fértil etc. (Ulmann, 1965, p. 273) cidade-campo.

A significação permanece, em constelação, ilimitada e abrangente, o étimo não alcançado, definindo-se, porém, que: dado o rumo aos textos que constituem um corpus, obviamente terá de confirmar-se o fato de não se tratar de criação brasileira e serem improváveis as remotas remissões africanas que também poderiam ser asiáticas ou quaisquer outras. Mas o vocábulo tem ampla realização social e sua vigência procedeu da necessidade de nominar *coisas novas*, e hoje tão trágicas.

Pode-se acompanhar a transformação social de um vocábulo, seu crescimento expressivo em função de condições de várias espécies, literárias ou extraliterárias, sociais, políticas etc. O que se afirma, sem medo de equívocos, é que, no Brasil, este vocábulo desenvolveu significação de oposição a litoral e, em condições brasileiras, sertão estaria sempre em interior. No Nordeste, em circunstâncias que se conhece dirigiu-se a significação para a preexistente conotação de aridez, documentada em parte nos textos antigos. Inospitalidade da natureza, povoado, ermo. “E correndo sempre para o mar, a água deixa na miséria a terra seca do sertão, e na angústia, a alma ressequida do homem do nordeste;” veja-se ainda este depoimento de mais amplo alcance em que se lê: “O Nordeste é este contraste vivo estampado nas duas paisagens: na paisagem acolhedora, envolvente da área da mata, com sua gradação de verdes ... e na paisagem ríspida, *sêca do sertão, com suas planícies descampadas, o seu solo pedregoso, o seu céu sempre sem nuvens e seu sol de fogo*”. (Castro, 1965, p. 27)

Ou como define Raquel de Queiroz: “Chegam os amigos de visita pelo *sertão* e nos seus olhos leio o espanto e ficando não é espanto pelo menos estranheza” que é que nos prenderá nesta secura e rusticidade? Tudo tão pobre. Tudo tão *longe* do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras”.¹⁶

“Suas paisagens tem, no sentido tradicional de paisagem, nem sebes floridas, nem regatos arrulhantes, nem sombrios frescos do bosque. É apenas sertão e caatinga”.¹⁷

Assim é que, a depender de quem o diga, a depender de uma experiência de vida (e mesmo de morte) se casa a idéia de sertão ao vocábulo que o exprime, instaurando-se uma variabilidade infinita.

Suassuna em sua linguagem épica, numa tirada de “Divina Comédia Cabocla” exalta:

“ave musa *incandescente*
Do deserto do sertão
Forge no sol do *meu sangue*.
O trono do meu clarão”¹⁸

Sente-se ser este o momento do arremesso do vocábulo à sua expressão épica que consagraria uma experiência que o remeteria do plano ecológico ao cosmológico, a uma contemplação visionária: “Daqui de cima, no pavimento superior, pela janela gradeada da cadeia onde estou prêso, vejo os arredores da nossa indomável vila Sertaneja... Daqui de cima, porém, o que vejo agora é a *tripla face do Paraíso, Purgatório e Inferno do Sertão*”. (Suassuna, 1971, p.3)

Nos “Gerais” ganhou dimensões de imensidão e intensificou-se a possibilidade transitiva que se entrevê desde os mais antigos roteiros de navegação, o sentido de Travessia que se mistifica e enche de mistério¹⁹ ilimitado cosmos profuso e delirante.

Arcaizante aqui como lá, conservador de linguagens, de atitudes, de códigos de honra e vida de quem vive em isolamento²⁰. Em Euclides, através daquilo que a princípio começaria por ser a reportagem de uma guerra mas que termina por assumir a dimensão de uma epopéia nacional, configura-se o Sertão quando da análise das condições adversas: encarnam-se o fanatismo, a obsessão, o misticismo desvairado, os valores que tocam à conservação. Terra e homem em desencontro nos *Sertões*, plural enfático.²¹

Ressai o aspecto de ressonâncias mágicas ou aturdidoras da palavra por condições sociais muito específicas e nem sempre otimistas, o valor dado à palavra por determinados títulos de literatura brasileira como vimos.

Permanece o mistério - emissão daquilo que ficou guardado ou retardado nas entranhas da terra brasilica ou tudo aquilo que se devolve à civilização em arte, originalidade e autenticidade fazem com que a palavra *Sertão* assuma novas e imprevistas dimensões e que, em seu âmbito significativo como no seu alcance expressivo e de comunicação, se operem até as reversões conciliatórias em acreditados opostos: no dia em que “A TERRA VIRAR O MAR E O MAR VIRAR SERTÃO”.²²



NOTAS

1 *Grande Sertão: Veredas*. Rio, José Olympio, 1965, p. 121.

2 GUIMARÃES ROSA, João. Op.cit. p.289: “Sertão - se diz - o senhor querendo procurar nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.”

3 Depois de feito o trabalho encontramos um artigo de SILVA, M.F. “a propósito da Palavra Sertão” in *Boletim Geográfico* no.90. São Paulo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950: p.637-44 em que o autor se refere a esta proposta de Gustavo Barroso e resenha outras hipóteses inclusive a de sertão ter a ver com o antropônimo Domingos Sertão, o que não parece propositado.

- 4 PIEL, Joseph. op.cit. p.323. Afirma que as indicações foram extraídas do Dicionário Geográfico de Américo Costa.
- 5 CARVALHO, J.G. Herculano de. *Estudos Linguísticos*. Coimbra, Atlantida Editora, 1969, 318 p. Volume II ver Relatório da Comunicação do Prof. Joseph M.Piel, sobre a origem de Sertão, p.311-13.
- 6 CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Rio , 1972, Canto X.
- 7 Conceito tomado da Linguística Geral. Pares opositivos e funcionalmente pertinentes.
- 8 O capítulo a que Levy Strauss denomina de “No Sertão” refere-se a Cuiabá, portanto Zona fértil e produtora, embora pouco densa demograficamente no Brasil atual. V. *Tristes Tropiques*, cap.XXV, p.315. E note-se que L.S. é tomado como alguém que, diante de uma realidade nova, sentisse o aturdimento para designá-la.
- 9 *Dicínário da Língua Portuguesa*. Morais: “inculto, distante das povoações ou de terras cultivadas; terra ou povoado afastado do litoral”. CÂMARA CASCUDO, op.cit. “sertão é o interior”. BIVAR, *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto, Edições de Ouro, 1948, p.5617. “Lugar inculto ou sítio mais afastado da povoação ou de terrenos cultivados” ou “floresta no interior de um continente” (ibid.). Sertanejo - adj.que habita no sertão, ou interior, e longe da costa. (p.505).
- 10 QUEIROZ, Eça. *Últimas Páginas*, 338. Apud. MORAIS. DICIONÁRIO.
- 11 BARROSO, op.cit., repare-se no detalhe da viola.
- 12 GUIMARÃES ROSA, João. op. cit. “Lugar Sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze légoas sem topar com casa de morador, e onde criminoso vive sem Cristo Jesus, arredado do arrocho de autoridade... p. 9. “o senhor tolere, isto é Sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais afora a dentro, eles dizem fim de rumo” (ibidem).
- 13 Curiosa é esta referência: “Tratando do seu presente estado digo que é (Damasco) a mais nobre e populosa cidade que tenho visto posta em sertão.” (Frei Pantaleão de Aveiro, Itinerário, cap. LXXXVII, CKLXXIII. Apud. *Dicionário Moraes*).
- 14 O conceito de ilha, no entanto, é bem mais elástico apesar da menção a acidente geográfico mais imediatamente próximo, como é o caso dos roteiros em pauta. Mas ilha, no entanto pode pressupor maiores extensões territoriais. Basta que se lembre a designação ilha de Vera Cruz, depois de tanto espaço percorrido. Na *Novela de Cavalaria* e ilha além de elemento misterioso é condicionador de aventuras e significa estabelecimento de poder.
- 15 Ibid, p.21 - Diz-nos o autor que uma carta, um mapa, não é um território mas uma representação deste com a ajuda de símbolos e sinais convencionais. A carta não representa todo o território. Assim a palavra.
- 16 *Seleto* de Raquel de Queiroz, Rio, José Olympio, 202 p., p.62.
- 17 Idem p. 63. Mas em compensação, se encontramos exemplo, na literatura de cordel referências aos “horrores do sertão” também se lê: “Quando há um bom inverno O SERTÃO É DE MIL FLORES”.
- 18 SUASSUNA, Ariano. *Romance d’A Pedra do Reino...* Rio, José Olympio, 1971 (v.introdução), p.s/n.
- 19 Que: coragem - é o que o coração bate, se não bate falso. Travessia do sertão - a tôda travessia. m Literatura de Cordel, v. Mariquinha e J.L.Leão, cat.579, Col.Casa de Ruy se lê: José montou Mariquinha / rumaram ao alto sertão / Seguiram a mesma jornada por um sertão esquesito / Quase que morri de fome / no interior do sertão / numa grande Travessia.
- 20 “Uns doze graus abaixo da Linha Equinocial, aqui onde se encontra a Terra do Nordeste metida no mar, mas entrando umas cinquenta léguas para o Sertão dos Cariris Velhos da Paraíba do Norte, num planalto pedregoso e espinhento onde passeiam bodes, jumentos e gaviões sem outro roteiro que os serrotes de pedra cobertos de coroa de frade e mandacarus. Suassuna, Ariano. op.cit., p. 5.
- 21 Ver o ajuste de uma obra a um título como *Os Sertões* de Euclides e o que se narra na obra que assim foi chamada ao invés de Nossa Vandéia, seu título inicial.
- 22 “Em 1896 há de rebanhos mil correr da praia para o sertão: então o sertão virará praia e a praia virará sertão”. Profecia corrente apanhada como sendo do conselheiro. v. SILVA, José Calasans Brandão da. *O Ciclo Folclórico ao Bom Jesus Conselheiro*. Bahia, op. Beneditina, 1950, p.36. Atualmente, procedeu o autor a uma revisão, em que mostra que as profecias seriam correntes e que apenas eram atribuídas ao beato.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Afonso de. *Cartas para El-Rei D.Manuel I.* Seleção, prefácio e notas de Antonio Baião . Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1957, 239 p.
- ATAÍDE, D. Antonio de. *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino.* Introdução e notas do Comandante Humberto Leitão. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, MCMLVIII, 273 p, vol.II.
- ATAÍDE, D. Antonio de. *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino.* Introdução e notas do Comandante Humberto Leitão. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, MCMLVIII, 300 p, vol. I.
- BIVAR.. *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa.* Porto, Edições Ouro, 1948.
- BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará.* Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962, 428 p.
- BOCAGE. *Poemas escolhidos.* Seleção, prefácio e notas de Alvaro Cardoso Gomes (do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de S.Paulo). São Paulo, Editora Cultrix, 1974, 156 p.
- CARVALHO, J.G. Herculano de. *Estudos Lingüísticos.* Coimbra, Atlântida Editora, S.A.R.L., 1969, 318 p, 2o.vol.
- CASTRO, Josué de. *Sete Palmos de Terra e um Caixão.* Ensaio sobre o nordeste área explosiva. S.Paulo, Brasiliense, 1965.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões.* Prefácio de M.Cavalcanti Proença. Rio, Edições Ouro, MCMLXVII, 554 p, Clássicos Brasileiros.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas.* Comentados por Augusto Epifanio da Silva Dias, Rio, M.E.C., 1972, 3a. ed.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro.* Rio, Instituto Nacional do Livro, 1962, 2a. edição revista e aumentada, 795 p. Col. Enciclopédia Brasileira, Biblioteca de Obras subsidiárias.
- DICIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUÊSA.* Antônio Moraes e Silva.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO.* J.P.Machado.
- DICIONÁRIO PORTUGUÊS,* ou Thesouro da Língua Portuguesa. Porto, Chardron, 1871, 5 v.
- DICIONÁRIO D'os Lusíadas* de Luis de Camões. Org. Afranio Peixoto e Pedro A. Pinto. Rio, Livraria Francisco Alves, 1924, 616 p. Sociedade de Estudos Camonianos.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas.* Rio, José Olympio Editora, 1965.
- LEVY-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos.* (Tristes Tropiques) Trad. Jorge Constante Pereira. Lisboa, 1972 (?) 522 p. Col.Problemas.
- LEENHARDT, Jacques. "Semântica e Sociologia da Literatura", in *Teses. Sociologia da Literatura.* Lisboa, Editorial Estampa, 1972, pp.9-27.
- PEREIRA, G. *Roteiros Portuguezes da Viagem de Lisboa à Índia.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1898, 210 p.
- PIEL, Joseph. *Sobre a origem de sertão palavra testemunho dos Descobrimentos.* A.C.I.D., Lisboa, 1961, vol.IV.
- PINTO, Fernam Mendez. *Peregrinação.* Porto, Portucalense Editora, 1945, 191 p. Nova Edição, conforme a de 1614, vols. III e IV.
- PIMENTEL, Luis Serrão. *Prática da Arte de Navegar.* Prefácio de A.Fontoura da Costa. Lisboa, Ministério das Colônias. República Portuguesa, 1940, 194 p.
- QUEIROZ. Raquel de. *Seleta.* Rio, José Olympio, 202 p.
- SILVA, José Calasans Brandão da. *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro.* Contribuição ao estudo da campanha de Canudos. Bahia, Tipografia Beneditina, 1950, 97 p.
- SUASSUNA, Ariano. *A Pedra do Reino.* Introdução Compêndio Narrativo do Peregrino do Sertão.
- TAYLOR, Walter Fuller. *A História das Letras Americanas.* The Story of American Letters. Trad.Luzia Machado da Costa e Ruben Rocha Filho. Rio, Fundo de Cultura, 501 p. Biblioteca Fundo Universal de Cultura, Estante de Literatura.
- ULMANN, Stephen. *Semântica.* Introduccion a la Ciencia del Significado. (Semantica) Trad.Juan Martin Ruiz-Werner. Madrid, Aguillar, 1965, 320 p. Cultura e História.
- VILLARET, H.Bulla de. *Introduction a La Sémantique Générale de Korzybskie.* Une nouvelle orientation dans la conduite de la vie. Paris, La Courier Du Livre, 1973, 189 p.

- VELHO, Alvaro. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama*. Prefácio de A.Fontoura da Costa. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1960, 219 p.
- VICENTE, Gil. *Obras Completas*. Prefácio do prof.Marques Braga. Lisboa, Livraria Sá da Costa - Editora, 1942, 342 p, vol.VI.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crônia da Tomada de Ceuta*. Introdução, seleção e notas de Alfredo Pimenta. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1942, 99 p.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Prosas Históricas*. Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa, Gráfica Lisbonense, 1940, 56 p.



FERREIRA, Jerusa Pires. Os segredos do sertão da terra: um longe perto. *Lêgua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, nº 2, 2004, p. 25-39.

Jerusa Pires Ferreira é Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e Professora Associada da Escola de Comunicação e Artes da USP. Bacharel em Letras pela UFBA em 1966; Mestre em História Social pela UFBA em 1977; Doutora em Sociologia da Literatura, pela USP em 1980; com Pós-Doutorado na Alemanha. Publicou *Livros, editoras e projetos* (1997); *Cavalaria em Cordel* (1993); *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas* (1992); Prêmio Jabuti; *Armadilhas da Memória* (1991).